

CÂNTICO DOS CÂNTICOS: O AMOR, O SAGRADO E A HIEROGAMIA

SONG OF SONGS: LOVE, THE SACRED AND THE HIEROGAMY

Éverton Nery Carneiro

Resumo

Este estudo tem como temática o erotismo, tendo como ponto de partida Cantares, pretendendo ser a leitura de um poema e também poema. Cantares é uma história de amor enamorado, de uma perspectiva utópica, de várias possibilidades de tradução e interpretação, sendo um poema feminino (talvez escrito por uma mulher) que busca um amor sem pecado, com leveza e delicadeza, que abre o corpo ao outro. Texto que aborda o amor na perspectiva do esperar/saborear em lugar da força/precipitação, buscando abordar o amor de dois jovens que entre encontros/desencontros mostram uma espiritualidade, onde corpo e amor fazem parte de um único conjunto que se opõe à opressão sacerdotal. É preciso um coração aberto, espírito livre, para compreender aquele que é provavelmente um dos mais incompreendidos dos textos bíblicos. Cantares é assim, conforta/desconforta as estruturas estabelecidas, amparando/desamparando no seu tratamento à corporeidade e sensualidade, onde terra/céu, sagrado/profano se fundem.

Palavras-chave: Cantares. Amor. Sagrado.

Abstract

This study has the eroticism as theme, having Song as base, intending to be the reading of a poem and also poem. Song is a story of enamored love, from a utopian perspective, having several possibilities of translation and interpretation; it is a feminine poem (perhaps written by a woman) that seeks love without sin, with lightness and delicacy, which opens the body to another. Text that mentions love in the perspective of wait/savor instead of force/precipitation, addressing the love of two young people that among matches/mismatches show some spirituality where body and love are part of a single set opposed to priestly oppression. It takes an open heart, free spirit, to understand the book which is probably one of the most misunderstood of the biblical texts. Song is like this, it comforts the established structures/causes discomfort to them, supporting /not supporting in its treatment to the corporeality and sensuality, where Earth /sky, sacred/profane merge..

Keywords: Song. Amor. sacred.

Considerações Iniciais

A possibilidade de construir este texto, abordando Cantares provoca felicidade, pois “O texto torna-se, de certa forma, um pretexto para falarmos de nossa própria realidade histórica.”¹ Este texto é muito pretensioso, ao ter como tema o amor e o sagrado em Cantares. Pretende ser a leitura de um poema e também poema, apesar de estar escrito em prosa, pois, na contramão da prosa, o poema é o discurso que retoma quando se completa.

Cantares é assim, desampara e nos ampara no seu tratamento à corporeidade aliado à sensualidade, onde terra e céu, sagrado e profano se unem e se fundem. “Se a ciência aborda o mistério, é o amor que o penetra.”² Assim, o amor acopla o céu e a terra. É neste movimento que temos o nosso problema: Como se revelam o amor e o sagrado em Cantares?

Esse texto é uma história de amor enamorado, de um leitor por um livro. Ainda sendo um jovem, li em uma Bíblia, dois de seus livros. O primeiro deles foi Apocalipse e o outro foi Cantares. Recentemente, considerei que seria possível recuperar essa leitura juvenil. Não sei exatamente em que instante considerei que seria preciso algo mais. Além de recuperar essa memória é preciso revê-la partindo do olhar de um cinquentenário. Pensei nisso, trabalhei nessa perspectiva e agora percebo que meu espírito continua rejuvenescendo vida adentro, pois “A vida, ao escrever um livro, não começa pelo título e pelo prefácio.”³ Que a minha excitação diante desse poema misterioso continue, entendendo que “a excitação do organismo inteiro precede a excitação genital propriamente dita.”⁴ Assim, a excitação atual talvez seja diferente da excitação juvenil. Pensando assim, faz-se necessário considerar a possibilidade de que a nossa maturidade cronológica não nos liberta da perplexidade e de continuarmos tratando do sonho no sonho da vida, pois esta “... não começa pela realização, ela se encaminha para a realização.”⁵

Realizamos estas explorações, na tentativa de criar uma atmosfera utópica/erótica, buscando usar fragmentos de diferentes versões de Cantares, integrando estes fragmentos a tantos outros fragmentos que foram sendo escritos, tecidos, tal como uma aranha tece a sua

¹ GEBARA, Ivone. *Teologia em ritmo de Mulher*. São Paulo. Paulinas. 1994.p.30.

² CAVALCANTI, Geraldo Holanda. *O Cântico dos Cânticos: um ensaio de interpretação através de suas tradições*. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2005. p. 124.

³ REICH, Wilhelm. *O assassinato de Cristo: volume um de A peste emocional da humanidade*. Tradução de Carlos Ralph Lemos Viana. 5ª edição. São Paulo. Martins Fontes. 1999.p.39.

⁴ REICH, 1999.p.41.

⁵ REICH, Wilhelm. 1999.p.38.

teia, tal como um galo une seu canto ao canto de tantos outros galos, mas enfim, eis aqui um texto, e sem legendas, pois os autores não devem explicar as suas obras, entendendo que “O mundo sagrado é para o homem moderno uma realidade ambígua: a sua existência não pode ser negada e podemos fazer sua história, mas não se trata de uma realidade apreensível.”⁶ Temos assim o óculos usado nesse estudo que é o pensamento de Georges Bataille em “O Erotismo”. Que o leitor excitado e perplexo seja estimulado a ler ou reler Cantares.

Para introduzir

Cantares é escrito originalmente em hebraico, e “no pensamento judaico, o ser humano torna-se inteiro apenas em sua relação com o outro.”⁷ É sempre com muitos sentidos, sendo um texto de tradução que se estende a uma complexidade sagrada, misteriosa, erótica, nupcial e hierogâmica, pois, “as tradições semíticas insistem no amor como aliança, ou seja, como encontro entre dois seres.”⁸ As versões e interpretações encontradas deste poema são bastante diferentes. Algumas interpretações abordam que o texto é uma coletânea de cantos nupciais, celebrando a união de Salomão com a filha de um rei egípcio, outras que retratam cantos de amores entre um pastor e uma pastora. Temos ainda interpretações que sugerem que Cantares era originalmente um poema único com estrutura de um drama realizado por Salomão. O texto narraria então a história da esposa que saudosa de casa, convence Salomão a abandonar o palácio e retornar com ela ao campo, ou ainda a de uma esposa camponesa que escapa de Salomão em busca do namorado. Existem ainda interpretações que buscam relacionar Javé e seu povo como também Jesus e a Igreja. Intuímos as origens dessa última leitura naquele que é considerado como o primeiro dos filósofos cristãos: Orígenes. Assim temos:

Foi um escritor prolixo e seus livros nem sempre tiveram acolhida fácil. Ainda nove séculos depois de sua morte, quando Bernardo de Claraval o citava - o que fazia frequentemente - seu nome provocava muxoxos na audiência. A nós não interessa aqui as complexidades de sua teologia⁹, mas o fato de que foi o primeiro exegeta cristão do Cântico dos Cânticos. A

⁶ BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Tradução de Antônio Carlos Viana. Porto Alegre. L&PM. 1987. p.119.

⁷ LELOUP, Jean-Yves. *Jesus e Maria Madalena: para os puros tudo é puro*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis – Rio de Janeiro. Vozes, 2007. 34.

⁸ LELOUP, 2007. 38.

⁹ Para Vítor Westhelle teologia se constitui “como promessa de que possa dar expressão e incorporar saberes marginais que se insinuam pelas fissuras da inscrição.” WESTHELLE, Vítor. *Outros saberes: teologia e ciência na modernidade*. Estudos Teológicos. São Leopoldo, nº 03, ano35, p.274.

interpretação dada por Orígenes ao Cântico dos Cânticos influenciará todos os comentadores cristãos no futuro. Dele é a concepção alegórica do Cântico como celebração das núpcias espirituais entre o Vero-Esposo e a Alma-Esposa. Jesus “passeia pelo coração aberto ao Verbo, quer dizer, ele percorre os espaços da inteligência e do conhecimento.”¹⁰

Já vemos aqui a presença de uma relação hierogâmica e seja como for, seja qual for das alternativas citadas, vamos caminhando aqui em uma leitura onde Cantares é uma poesia, ou uma série delas, onde dois jovens namorados se encontram e se desencontram e novamente se buscam, num indo e vindo, onde aproximações e afastamentos se sucedem como num ato de amor em busca do êxtase, do prazer, do gozo, do orgasmo¹¹, da plenitude da entrega total de um ao outro, assim: “Os filhos de minha mãe se indignaram contra mim e me puseram por guarda de vinhas; a vinha, porém, que me pertence, não a guardei.” (Cant.1.6)

É possível que este poema de amor seja escrito por uma mulher, pois existem razões fortes: primeiro a protagonista é uma jovem; depois é esta jovem que inicia e termina o poema; por último, no poema, manifesta-se uma erotização feminina, delicada, consubstanciada na carícia, no afeto, no carinho, no gozo pleno e não precipitado. Ao fazermos essa afirmação, intuímos que “... há para os amantes mais chance de não poder se reencontrar do que gozar de uma contemplação alucinada da continuidade [intimidade] que os une.”¹² É uma feminilização centralizada num ato de amor envolvendo todos os sentidos, olores e perfumes. Vinho, óleo, frutas, diversos sabores. Bebidas doces e flores. Realmente só o espírito feminino, só o corpo de uma mulher que deseja fazer amor com seu companheiro consegue exprimir os seus desejos e prazeres desta forma:

Que me beije com beijos da tua boca!
Teus amores são melhores que o vinho
O odor dos teus perfumes é suave,
Teu nome é como óleo escorrendo. (Cant.1.2-3)

Assim começa a poesia, que retrata o diálogo entre dois amantes, numa linguagem carregada de erotismo.

¹⁰ CAVALCANTI, 2005. p. 121.

¹¹ “O prazer final da descarga total de energia no orgasmo é o resultado espontâneo do acúmulo contínuo de prazeres menores. Esses pequenos prazeres podem proporcionar a felicidade ainda que excitando a necessidade de outros prazeres. Nem sempre esses prazeres menores terminam no prazer supremo.” REICH, 1999.p.38.

¹² BATAILLE, 1987. p.19.

E em se tratando de erotismo (ou geralmente de religião), a sua experiência interior lúcida era impossível num tempo em que não aparecia às claras o jogo da balança do interdito e da transgressão que ordena a possibilidade de um e de outro. Não basta saber que existe esse jogo. O conhecimento do erotismo, ou da religião, exige uma experiência pessoal, igual e contraditória, do interdito e da transgressão.¹³

Ao Bataille co-relacionar erotismo e religião, o faz à luz dos conceitos de interdito e transgressão. Tendo esses conceitos à mão e esses elementos a disposição, entendemos que a inclusão de Cantares na Bíblia provocou intensos debates tanto entre os judeus como também entre os cristãos. Diversos tradutores tentaram camuflar seu erotismo tanto é que até hoje inúmeros líderes religiosos têm dificuldade em abordar o assunto.

É no Cântico dos Cânticos que Bernardo irá buscar a fonte inesgotável de sua inspiração teológica. Mas é a linguagem poética na qual Bernardo formula seu pensamento que é capaz de mover o leitor, mesmo não religioso e mesmo moderno.¹⁴

O primeiro verso diz assim: “o mais belo cântico de Salomão.” Entretanto, na maior parte do texto, o rapaz não parece ser um príncipe. A moça que aparece no texto, tampouco parece ser uma princesa. Quem é essa moça? E afinal de contas, quem é o rapaz? O que essa poesia fala aos nossos corações?

Não precisamos nos ater à pseudo-segurança que a ciência nos fornece. Precisamos sim, ter os corações abertos, o espírito livre, para compreender aquele que é provavelmente um dos mais incompreendidos livros da Bíblia, cujo “objetivo claro é ensinar tudo o que é bom e que conduz à felicidade.”¹⁵ Este corpo sagrado e diante da extrema diversidade da linguagem e da profusão de figuras alegóricas em torno do próprio corpo (que é uma memória), onde tudo se mistura e funde no imenso e intenso vai-e-vem, que ao mesmo tempo ocultam e revelam seu significado e o próprio corpo é que tentamos compreender quando Paulo assim escreve: “A mulher não tem poder sobre seu próprio corpo, e sim o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim a mulher.”(1ª Coríntios 7.4).

Sobre esta questão da relação entre o corpo e o poder, Michel Foucault, em sua “História da sexualidade” registra que o corpo não é um presente da natureza: os corpos são

¹³ BATAILLE, 1987. p.24.

¹⁴ CAVALCANTI, 2005. p. 123.

¹⁵ BRENNER, Athalya. (Or.) *Cântico dos Cânticos a partir de uma leitura de gênero*. Tradução: Rosângela Molento Ferreira. São Paulo. Paulinas. 2000. p. 52.

edificados de acordo com as peculiaridades histórico-sociais. No seu estudo sobre a sexualidade e sua relação com o poder, ele constata que, no século XIX, o procedimento de desenvolvimento e afirmação da supremacia da burguesia foi assentada no processo de incremento do valor do corpo em prejuízo do valor dos títulos de nobreza ou da importância social da família, pois esta desejava lutar contra a aristocracia e delimitar a sua importância social. Convivendo a sexualidade no corpo, ela é, por decorrência, uma relação de poder. Foucault alega que a sexualidade, percebida como uma edificação histórica e social faz parte das estruturas de dominação do sujeito e dos grupos, através das relações de saber-poder.¹⁶ Para este filósofo - e Bataille nos diz que “O filósofo pode nos falar de tudo o que ele sente. Em princípio, a experiência erótica nos conduz ao silêncio”¹⁷ - foi deste modo que nossa cultura possibilitou a gênese de um tipo de ciência sexual que, assegurando tudo saber sobre o sexo, inventou códigos para um controle mais perfeito. Assim, a sexualidade surge como um dos instrumentos de sistematização da *aletheia* do sujeito. O tema fundamental que, desse jeito, está posto nos estudos foucaultianos é a do complexo jogo do poder e do seu valor para a construção dos saberes no campo da sexualidade.¹⁸ Desta forma, não podemos entender a diferença sexual, exceto como desempenho de nosso oportuno saber sobre o corpo e este não pode ser separado de suas relações, numa larga gama de situações discursivas. A diferença sexual não é, deste modo, a germe original da qual a organização social possa ser derivada em última instância, mas sim uma organização social diversa, que deve ser ela mesma comentada, interpretada e explicada, pois:

O corpo e sua linguagem carecem de meios menos canônicos, dogmáticos e autorizados para se expressar, para ser interpretado, para fazer parte da história não só das pessoas na sua individualidade e no seu ambiente, mas também da história da humanidade.¹⁹

Para interditar

A Bíblia preserva em suas páginas vestígios, muitas vezes fortes e marcantes, de uma antiga literatura popular e esta “é, com efeito, o prolongamento das religiões. Ela é sua

¹⁶ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro. Ed Graal. 1988.

¹⁷ BATAILLE, 1987. p.163.

¹⁸ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro. Ed Graal. 1988.

¹⁹ GIERUS, Renate. *CorpOralidade – História oral e corpo*. Marga J. Stroher, Wanda Deifelt, André Musskopf (Orgs.). À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade. São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Sinodal. CEBI. 2004. p.43.

herdeira.”²⁰ A poesia na antiguidade e a poesia hebraica, não ficam fora disso, são vinculadas ao ritmo da vida. Os pastores cantam, quando bem sucedidos na procura de água no deserto: “Sobe, poço, conta dele: Tu poço, que cavaram os príncipes, Que escavaram os nobres do povo, E o legislador com os seus bordões.” (Nm 21.17-18). Grande alegria, em estreita ligação com a música, canto e dança, proporcionava o recolher dos produtos da lavoura: “Todas se alegrarão perante ti como se alegram na sega” (Is 9.3).

A poesia, a canção, os ritmos acompanham o homem, não apenas no serviço, mas também na vida familiar: nascimento de uma criança, casamento (o primeiro milagre de Jesus é realizado em uma festa de casamento) etc. Entendendo até mesmo que “o casamento é aberto a todas as formas de erotismo”²¹, sendo que é possível afirmar que “... o primeiro ato sexual que constitui o casamento é uma violação sancionada.”²² Esta violação é o poder de transgressão. Sobre essas relações entendemos que “Em certo sentido, o casamento une o interesse e a pureza, a sensualidade e o interdito da sensualidade, a generosidade e a avareza.”²³

Como em qualquer parte do mundo, no antigo Israel o amor é um assunto dos mais abordados por cantores e poetas. Os poemas e canções de amor encontram aí forte presença. Como se vê, a canção, a música, o trabalho, a arte, a poesia, o sagrado, o amor, a hierogâmia, em qualquer situação a vida se faz presente, Deus não se ausenta, o amor está e é, onde nós não escolhemos, mas somos invadidos pela escolha, pois somos penetrados pelo Divino. Jeremias diz: “Tu me seduziste lahweh, e eu me deixei seduzir; tu te tornaste forte demais para mim, tu me dominaste.” (Jeremias 19.7a). Um estupro sagrado!? Interdito e transgressão presentes. Como Cantares trata?

Em Cantares, a poetisa, revela muita arte na descrição dos dotes físicos dos bem-amados, quando da transmissão de seus sentimentos mais íntimos: “Eu estava quase dormindo, mas o meu coração estava acordado. Escutem! O meu amado está batendo.”(Cant. 5.2), ou então quando diz: “conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém²⁴, que se achardes o meu amado, lhe digais que estou enferma de amor” (Cant. 5.8). Assim, Cantares

²⁰ BATAILLE, 1987. p.58.

²¹ BATAILLE, 1987. p.96.

²² BATAILLE, 1987. p.72.

²³ BATAILLE, 1987. p.143.

²⁴ “Assim como nas cantigas de amigo, a figura da mulher no Cântico dos Cânticos dirige-se para outras mulheres – as filhas de Jerusalém – dizendo a elas sobre o seu amado. [...] O erotismo ocupa o lugar central tanto nas cantigas quanto no Cântico dos Cânticos.” BRENNER, Athalya. (Or.) *Cântico dos Cânticos a partir de uma leitura de gênero*. Tradução: Rosângela Molento Ferreira. São Paulo. Paulinas. 2000. p. 89.

é uma iniciativa para a busca do amor. Que amor? O amor feliz, sem barreiras, sem interditos:

Arrasta-me contigo, corramos!
Leva-me aos teus aposentos
E exultemos! Alegremo-nos em ti!
Mais que o vinho, celebremos teus amores!” (Cant.1.4)

É a plenitude do desejo da penetração de um corpo em outro corpo, da satisfação, do prazer, do gozo, do orgasmo pleno:

Teus lábios destilam mel virgem,
debaixo de tua língua
escondes mel e leite [...]

Meu amado meteu a mão
Pelo vão da fechadura
E minhas entranhas estremeçeram

Em Cantares a mulher jamais é apontada como esposa e tampouco é pedido a ela que tenha filhos, ou seja, nosso poema em estudo não aborda problemas sobre casamento, mas sobre o amor em benefício do amor e o papel feminino é excelente no desdobrar dessa mensagem.

Podemos afirmar ainda aqui, que não se trata de um amor dolorido, de um amor sacrificial, com relações de angustia e pecado, e sim de um amor delicado, leve, descansado. O compromisso aqui é amar e ser amado.

À sua sombra eu quis assentar-me,
Com seu doce fruto na boca.
Levou-me ele a adega
Desdobra junto a mim sua bandeira de amor. (Cant 2.3-4)

Na versão da Bíblia de Jerusalém da Editora Paulus, este último verso está escrito assim: “Levou-me ele à adega e contra mim desfralda sua bandeira de amor.”

A adega é um lugar reservado, escondido e guardado da casa, onde o vinho é depositado. O melhor vinho é aí depositado. É aí, neste ambiente íntimo que a mulher, abre seu ser, seu corpo para outro corpo, (para então fazer jorrar o vinho, excelente representante da alegria e do prazer). É importante dizer que os corpos não têm sentido intrínseco e a sexualidade é um construto histórico. Ao fazermos um breve levantamento de palavras que se relacionam com sexualidade²⁵, chegamos a um rol razoavelmente extenso e

²⁵ Pensamos aqui que a sexualidade é um fenômeno profundamente correlacionado ao plano psicológico, um dos aspectos de maior importância da vida humana.

diverso que inclui palavras como: prazer, corpo, descoberta, afeto, desejo, necessidade, sexo, libido, sentimentos, fantasia, proibições, procriação, abuso, relacionamento, poder. Tendo como ponto de partida as construções freudianas, podemos afirmar que tanto o conceito de sexualidade como suas expressões diferenciam-se bastante do que costumamos denominar de atividade sexual e não se reduz a uma única atividade ou comportamento, “Mas parece, desde o princípio, que os dois interditos iniciais se referem, o primeiro, à morte, e o outro, à função sexual ... Não matarás ... Não pecarás contra a castidade.”²⁶

O próprio Bataille afirma: “O interdito existe para ser violado.”²⁷ Assim, a sexualidade é um conceito que, ampliado pela psicanálise, significa energia que pulsa e movimenta, relacionada a viver, pensar, descobrir, sentir, conhecer; constitui-se em um campo de força dos desejos. Estamos falando, portanto, de uma energia que impulsiona todas as produções humanas desde o nascimento e que busca o prazer em suas infinitas possibilidades, prazer esse que pode ser obtido por meio das diversas ações, criações e comportamentos de cada sujeito e não apenas sensual que pode ser obtido diretamente no corpo. Nesse sentido “O mundo profano é o dos interditos. O mundo sagrado abre-se a transgressões limitadas. É o mundo da festa, dos soberanos e dos deuses.”²⁸ “O interdito intimida ... a fascinação introduz a transgressão.”²⁹ E para completar “... a religião comanda essencialmente a transgressão dos interditos.”³⁰

Abrir o corpo para o outro corpo, não um corpo qualquer, mas o corpo do homem amado, “que desdobra sua bandeira de amor.” A bandeira vem desfraldada em um mastro. Este se ergue e se encontra na intimidade da alcova da adega, pois “O ser amado para o amante é a transparência do mundo.”³¹

Em Cantares o melhor vinho é aberto e explode numa intensa profusão de olores, sabores, perfumes, aromas, amores. Muito provavelmente, somente uma mulher poderia fazer tal descrição de um ato sexual. Mas quem é essa mulher? Quem é essa poetisa que tanto nos encanta? Deixemos que o texto fale: “Eu sou a Rosa de Saron, o Lírio dos Vales.”

²⁶ BATAILLE, 1987. p.28

²⁷ BATAILLE, 1987. p.43.

²⁸ BATAILLE, 1987. p.45.

²⁹ BATAILLE, 1987. p.45.

³⁰ BATAILLE, 1987. p.46.

³¹ BATAILLE, 1987. p.16.

(Cant 2.1). Um amigo, Ramiro Barbosa, compositor, fez uma canção intitulada “Rosa de Saron” que diz:

Eu vejo Deus
 Nas coisas mais sublimes
 Eu vejo Deus
 Em tudo que é simples
 Eu vejo Deus
 Na folha que balança
 Eu vejo Deus
 No riso das crianças
 Na mão que faz o pão

Eu vejo Deus
 Na dança e no som
 E a Rosa de Saron Senhor
 Exala um perfume que é teu

Eu vejo Deus
 No imenso céu aberto
 Eu vejo Deus
 No mar e no deserto
 Eu vejo Deus
 Na dor e no suor
 Eu vejo Deus
 Em tudo ao meu redor
 No sol que hoje nasceu

Eu vejo Deus
 Na dança e no som
 E a Rosa de Saron Senhor
 Exala um perfume que é teu.

Dança, som, mão, pão, rosa, perfume, coisas sublimes, tudo que é simples... Deus. Que beleza, em tudo ao meu redor eu vejo Deus, que segundo a grande maioria dos comentários sobre Cantares, sequer tem seu nome citado neste texto. Por este motivo também, havia na antiguidade quem afirmava que Cantares não pertencia a Bíblia. Entretanto, até mesmo este argumento pode ser derrubado, pois, inicialmente não precisamos reconhecer um texto como pertencente a Bíblia, pelo mesmo citar “Deus”. Como também o fato de não citar “Deus” não quer dizer que o mesmo não possa ser considerado como bíblico. Ainda mais, na Bíblia de Jerusalém, nas notas de rodapé o comentarista na parte “C” diz assim: “É possível que ‘çebaôt’ (gazelas) e ‘ayyalôt’ (cervas), seja um criptograma para ‘Elohê’ Çebaôt’ ‘O Deus

de Israel', cujo nome não se queria pronunciar nestes cantos profanos.”³² Assim, o Senhor se faz presente, inclusive nos cantos de amor pertencentes à poesia secular.

Entre as várias estrofes de Cantares, apenas três se repetem, estando em mais ou menos no início, no meio e aproximando-se do final do livro, nos Versículos 2.7; 3.5; 8.4 lemos:

Filhas de Jerusalém
pelas cervas e gazelas do campo,
eu vos conjuro:
não desperteis, não acordeis o amor,
até que ele o queira!

Notável nestes versos, como as palavras gazelas (Çebaot) e Cervas (ayyalôt) aparecem! Então podemos ler este versículo de outra forma:

Filhas de Jerusalém
Pelo Deus de Israel
Eu vos conjuro
não desperteis, não acordeis o amor
até que ele o queira!

Versículos que se repetem em momentos intensos na relação entre os amantes. A amante, invoca, chama, conspira com suas amigas sobre a essência do amor. O amor que sabe esperar para então poder saborear em sua totalidade o prazer que Deus disponibiliza ao casal, pois “... nunca, humanamente, o interdito aparece sem revelação do prazer, nem prazer sem o sentimento do interdito.”³³ O amor sendo verdadeiro não se precipita, não é impaciente. Lembremos aqui de 1ª Coríntios 13.1-13 e então podemos poetizar:

Não é preciso manipular
Manipular circunstâncias para ganhar
Ganhar o amor.

Não é preciso seduzir
Seduzir para chamar a atenção
Chamar atenção para si mesmo

Não é preciso se entregar
Se entregar com medo
Medo de perder o amado.

Não é nada agradável perceber que a mensagem dominante no nosso mundo é exatamente o inverso. O amor predominante é precipitado, forçado, até o ponto em que a

³² BIBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

³³ BATAILLE, 1987. p.101.

pessoa que aguarda, que espera no Senhor é considerada cafona. Fazendo uma comparação rápida com Gênesis 2, assim entendemos:

O homem de Gênesis 2 uma vez deixou seu pai e sua mãe para se juntar à sua mulher (v.24); agora, a mulher do Cântico deseja que seu amante que se apresse, e, neste desejo, todos os outros são deixados para trás. O círculo de intimidade se fecha em exclusão, quando os dois se tornam um.³⁴

Temos aí dois jardins: o jardim da criação e o jardim de Cantares. Ambos são jardins eróticos, entretanto, enquanto no jardim da criação, apesar da mulher desejar continuar em harmonia com seu homem, este não retribuiu, e ao contrário resolveu dominá-la provocando uma perversão da sexualidade. Já no outro jardim, o de Cantares o poder do macho desaparece, assim ocorre o restabelecimento da harmonia entre o casal, fazendo com que a graça retorne à mulher e ao homem. Enquanto o casal de Gênesis é expulso do jardim, o casal de Cantares é re-integrado ao jardim, pois “As muitas águas jamais poderão apagar o amor, nem os rios afoga-lo.”(Cant 8.7) A mensagem de Cantares é formidável, transparente e simples, pois Deus reserva os maiores prazeres amorosos para aqueles que saibam esperar o tempo do Senhor! Entretanto:

A religião esqueceu de ensinar aos fiéis a arte de fazer amor. Ao negligenciar a disciplina espiritual da fruição física, ela falhou seu dever; além disso, recusou estabelecer o vínculo entre a teofania da sexualidade, que ela deixou cair no esquecimento, com as outras teofanias descritas nas Escrituras (das quais o Cântico dos Cânticos faz parte).³⁵

Para transgredir

Os citados versículos repetidos (2.7; 3.5; 8.4), são particularmente impróprios para o uso alegórico, pois o Salmo 44.23 diz: “Desperta! Por que dormes, Senhor?” É dentro desta perspectiva que afirmar que se a amada é o povo de Deus (ou a Igreja) e o amante é o próprio Deus (ou Jesus) respectivamente, ela não pode, dentro dessa perspectiva, desejar que ele continue dormindo. Assim sendo, este livro nem pode ser, como também não é uma alegoria. Como não é uma alegoria quando se pergunta:

O que é amar senão desejar e ansiar, possuir e gozar? Se não possuído o seu objeto, deseja-lo, se possuído, desejar conservá-lo [...] pois que outra coisa é o amor senão o próprio desejo de possuir. Bataille assim diz: ‘O

³⁴ BRENNER, Athalya. (Or.) *Cântico dos Cânticos a partir de uma leitura de gênero*. Tradução: Rosângela Molento Ferreira. São Paulo. Paulinas. 2000. p. 123.

³⁵ LELOUP, 2007. 135.

santo não busca a eficácia. É o desejo e apenas o desejo que o anima: e nisso ele se assemelha ao homem no erotismo.³⁶

Cantares é uma linda poesia de amor entre dois jovens, ainda não comprometidos legalmente. São como duas gazelas livres do campo, sabedores que aquele amor transbordante que os fazem entregar os seus corpos um ao outro é comentado, é vigiado e até mesmo invejado. São corpos erotizados e “o erotismo é de forma geral, infração à regra dos interditos: é uma atividade humana.”³⁷ Por isso, a jovem amante faz um desabafo, - e “o que é interessante no interdito sexual é que ele se revela plenamente na transgressão”³⁸ - onde o poema não camufla nem esconde a dificuldade do amor entre os dois jovens:

Ah! Se fosse meu irmão
amamentando os seios da minha mãe!
Encontrado-te fora, eu te beijaria,
Sem ninguém me desprezar;
Eu te levaria, te introduziria
Na casa de minha mãe,
E tu me ensinarias;
Dar-te-ia a beber vinho perfumado
E meu licor de romãs. (Cant. 8. 1-2)

E quem é o rapaz? Quem é esse homem que se refere o texto? Para muitos este rapaz é simbolicamente Deus e a mulher o povo de Deus, e é preciso “liberdade do povo na prisão.”³⁹ Para outros este rapaz é Jesus e a mulher é a Igreja. Entretanto, temos outra percepção desse texto. O rapaz é o amante que por diversas vezes manifesta-se no texto. Ele fala, atua, ama, relaciona-se, enfim vive, pois “o erotismo é um dos aspectos da vida interior do homem”⁴⁰, então vejamos:

Minha amada, eu te comparo
à égua atrelada ao corpo de faraó! (Cant 1.9)
És toda bela, minha amada,
e não tens um só defeito.(Cant.4.7)
Como és bela, minha amada,
como és bela!
São pombas teus olhos escondidos sob o véu. (Cant.4.1)

Nada se compara com isso na literatura hebraica, não existe aqui um sentimento de culpa. Não se percebe a presença do pecado. A culpa e o pecado foram expulsos. É puro

³⁶ CAVALCANTI, 2005. p. 124.

³⁷ BATAILLE, 1987. p.62.

³⁸ BATAILLE, 1987. p.70.

³⁹ REICH, 1999.p.21.

⁴⁰ BATAILLI, 1987. p.20.

êxtase e excitação! É Bataille quem diz: “A excitação sexual e o êxtase estão sempre ligados a movimentos de transgressão.”⁴¹

Antes de continuarmos é preciso entender que “..o mal não é transgressão, é a transgressão condenada. O mal é exatamente o pecado.”⁴² Assim, o jovem casal vive a plenitude do amor no paraíso. Paraíso esse que é visto/construído/vivido na perspectiva de um olhar feminino. Cheiro, aroma e perfume, tudo em Cantares tem mão de mulher, tem um toque feminino, “todo o modo de vida no Cântico é feminino.”⁴³ Até mesmo nos versículos ditos pelo amante percebe-se isso, pois a percepção que o jovem tem da mulher é marcadamente feminina. Esse amante aqui citado pode ser visto como a representação de um rei, inclusive temos um cortejo matrimonial descrito em Cantares 3.7-11. Em um dado sentido podemos interpretar essa perícopa como um extraordinário cortejo matrimonial, que tem suas origens nos cerimoniais de núpcias sagradas do antigo oriente, cuja descrição do desfile pode ser visto no Salmo 45.

Temos flertado até aqui com a hierogâmia e especificamente em uma parte do medievo podemos perceber e abordar tal fenômeno de forma específica. Ao convidarmos Foucault, como já fizemos anteriormente temos o corpo do bispo, como o corpo do rei, e aí entendemos que a experiência de corporeidade dos diversos sujeitos não acontece tão somente como esses sujeitos se percebem como corpos, mas igualmente como são definidos os direitos e os diversos poderes sobre esses corpos. Nesse período, a primeira vez de uma relação sexual da mulher (“violação sancionada”) quando do seu casamento:

Com frequência, a operação era confiada àqueles que tinham geralmente o que o próprio noivo não tinha, o poder de transgredir um interdito. Esses deviam ter de alguma maneira um caráter soberano que os fizesse escapar do interdito referente à espécie humana. O sacerdote designava em princípio os que deviam possuir a noiva pela primeira vez. Mas se tornou impensável no mundo cristão recorrer aos ministros de Deus para isso, estabelecendo-se então o costume de o senhor feudal proceder o defloramento. A atividade sexual, quando se tratava pelo menos de estabelecer um primeiro contato, era evidentemente considerada interdita, e perigosa, não fosse a força possuída pelo soberano, pelo sacerdote, de tocar sem muitos sustos as coisas sagradas.⁴⁴

⁴¹ BATAILLE, 1987. p.160.

⁴² BATAILLE, 1987. p.83.

⁴³ BRENNER, Athalya. (Or.) *Cântico dos Cânticos a partir de uma leitura de gênero*. Tradução: Rosângela Molento Ferreira. São Paulo. Paulinas. 2000. p. 66.

⁴⁴ BATAILLE, 1987. p.73.

Cantares é um resgate, pois possibilita sair da concepção do sexo como algo impuro que está no campo do interdito, para algo puro pertencente ao campo da transgressão. Por essas e outras razões, afirma-se que este poema é extremamente atual, falando muito forte aos corações. Trata-se do nosso corpo, do nosso desejo, do nosso prazer, sem traços machistas ou sexistas, abrindo um grande leque para o misterioso e complexo universo feminino do amor, que não deveria ser só feminino, mas masculino também, pois: Eu sou do meu amado/ E meu amado é meu. (Cant 6.3)

Considerações Finais

Começamos aqui não desejando concluir, mas estimular, fazer vibrar com a leitura, não se estranhando com as interpretações, mas realizando transgressões. Fazer uma nova dimensão do prazer, para gozar plenamente no amor e assim:

Em todas as leituras possíveis, a relação entre Deus e Israel traz sempre uma grande carga de dor de ambas as partes. A poesia amorosa pode ter um espaço para a dor, mas o Cântico dos Cânticos não tem. A dor poderá chegar algum dia para os jovens amantes que dizem esses poemas, mas ainda não se manifestou.⁴⁵

Quem se manifestou foi o amor. Desde o amor da sensualidade reprimida até o amor da exaltação das paixões. Esse amor entre dois que está presente nas narrativas míticas como uma das formas de elevação espiritual, pois inclusive a nossa sexualidade afeta a própria maneira como percebemos a nós mesmos, como interagimos com as outras pessoas e até em como nos relacionamos com Deus nos entrelaça à Bataille, quando ele afirma: “... o erotismo difere da sexualidade dos animais no ponto em que a sexualidade humana é limitada pelos interditos, cuja transgressão pertence ao campo do erotismo. O desejo do erotismo é o desejo que triunfa do interdito.”⁴⁶ Nessas relações aqui construídas temos em mente que o mito possibilita uma configuração mais ampla desse conflito, alvejando saídas para o problema, assim como contribuindo para melhor compreensão de nós mesmos. Quando convivemos/utilizamos desses símbolos, as convulsões da sexualidade podem ser melhor compreendidos. Ou seja, o que temos em mãos realmente é que:

Os caminhos de Cristo fornecem as sementes para uma religião futura. É, essencialmente, uma religião de amor. O amor abrange toda espécie de

⁴⁵ MILES, 1995, p.379

⁴⁶ BATAILLE, 1987. p.165.

amor: [...] Não se pode dissociar o amor dizendo: teu fluxo de amor deve visar este objeto e evitar outro.⁴⁷

Estamos em um terreno onde conjecturamos que é preciso deixar-se penetrar pelo amor divino encarnado, que transforma indistintamente homens e mulheres. Além disso, podemos afirmar que entre tudo aquilo que pode influenciar a nossa formação de conceitos a respeito da sexualidade, o mais importante é a nossa experiência pessoal. Essa experiência é mistério e envolvida numa mística, sendo que para Bernardo de Clarivaux, “esta se apresenta como um enlace nupcial da alma com a divindade.”⁴⁸ E ainda mais:

Recusar o erotismo e a sexualidade é uma recusa da Vida em seu aspecto de plenitude e em seu élan em direção à unidade. É curioso que o desejo sexual, cuja fonte se encontra na própria Vida, deva ser, por assim dizer, recalçado em benefício de valores humanos chamados espirituais... A fruição é, no fundo, a maneira pela qual o ser, presente no nosso Ser essencial, se torna consciente de si mesmo na consciência do homem.⁴⁹

Em Cantares, sensualidade e espiritualidade andam juntas: beijos calorosos, carícias de amor, vinho e muita sedução, são um exercício de espiritualidade no dia-a-dia daqueles jovens. Tudo isso tem característica de um orgasmo e esse “... acontece quando tem que acontecer e não quando ele ou ela o desejam. Você não pode ‘querer’ um orgasmo e ‘obtê-lo’ como quem obtém uma cerveja num botequim.”⁵⁰ Mesmo depois de séculos desse texto ter se tornado canônico, muitos mosteiros medievais colavam as páginas para impedir que o mesmo fosse lido, pois poemas de amor que abordam o corpo como fonte de prazer são extremamente perigosos, já que são também verdadeiros hinos contra a política opressora dos sacerdotes.

O mais incompreensível do enigma é que esta vida tenha dado a uma religião que, em flagrante contradição com seu fundador, banuiu de sua esfera o princípio do funcionamento natural da vida e perseguiu, mais do que tudo, o amor físico. Mas até isso encontrará uma explicação racional.⁵¹

Nesta perspectiva, pensamos que ao contrário do que muitos afirmam, as narrativas bíblicas abordam temáticas sobre o sexo, inclusive podemos levantar a possibilidade de dizer que a Bíblia é um livro a favor do sexo. Entendemos nesse sentido que a sexualidade é

⁴⁷ REICH, 1999.p.129.

⁴⁸ CAVALCANTI, 2005. p. 124.

⁴⁹ LELOUP, 2007. 96

⁵⁰ REICH, 1999.p.43

⁵¹ REICH, 1999.p.46.

componente da criação, como podemos perceber ao fazer as leituras das duas narrativas da criação. Essas narrativas estão na base do pensamento mítico cristão sobre a criação e:

Aparentemente para o cristão, o que é sagrado⁵² é forçosamente puro. O impuro está do lado do profano. Mas o sagrado para o pagão podia ser também o imundo. Numa análise mais demorada, logo veremos que Satã, no cristianismo, está bem próximo do divino, e que o pecado não poderia ser tomado como radicalmente estranho ao sagrado.⁵³

Seja como for, Cantares aborda o desejo aliado ao amor, que nos remete à reflexão da possibilidade de realização do ser em sua totalidade, pois “o amor conjugal nada tem a ver com certidão de casamento.”⁵⁴ Assim temos uma expressão escrita da experiência amorosa humana, que está próxima de Deus, sendo por isso mesmo sagrada.

Referências

- BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Tradução de Antônio Carlos Viana. Porto Alegre. L&PM. 1987.
- BIBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- BRENNER, Athalya. (Or.) **Cântico dos Cânticos a partir de uma leitura de gênero**. Tradução: Rosângela Molento Ferreira. São Paulo. Paulinas. 2000.
- CAVALCANTI, Geraldo Holanda. **O Cântico dos Cânticos: um ensaio de interpretação através de suas tradições**. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2005.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro. Ed Graal. 1988.
- GEBARA, Ivone. **Teologia em ritmo de Mulher**. São Paulo. Paulinas. 1994.
- GIERUS, Renate. **CorpOralidade – História oral e corpo**. Marga J. Stroher, Wanda Deifelt, André Musskopf (Orgs.). À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade. São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Sinodal. CEBI. 2004.
- LELOUP, Jean-Yves. **Jesus e Maria Madalena: para os puros tudo é puro**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis – Rio de Janeiro. Vozes, 2007.
- REICH, Wilhelm. **O assassinato de Cristo: volume um de A peste emocional da humanidade**. Tradução de Carlos Ralph Lemos Viana. 5ª edição. São Paulo. Martins Fontes. 1999.
- WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: Louro, Guacira L. (org.) O corpo educado – pedagogias das sexualidades. Belo Horizonte. Autêntica, 1999.
- WESTHELLE, Vitor. **Outros saberes: teologia e ciência na modernidade**. Estudos Teológicos. São Leopoldo, nº 03, ano35.

⁵² “É impossível delimitar o que é Divino e o que é Diabólico, quando o fluxo divino começa a jorrar. A razão é que o Diabólico é apenas a perversão do Divino.” REICH, 1999.p.131.

⁵³ BATAILLE, 1987. p.145.

⁵⁴ REICH, 1999.p.39.